

31.º Domingo do Tempo Comum, Ano B
Meditação de Mons. Pizzaballa



11 de Novembro de 2018.

A passagem do Evangelho de hoje (Mc. 12,38-44) tem como pano de fundo o Templo em que Jesus se encontra para ensinar. Aí, Ele encontra diferentes grupos de pessoas com quem estabeleceu um diálogo. E este diálogo, transformou-se por vezes, em verdadeiras diatribes.

Estamos no fim do capítulo 12. No próximo passo teremos o desenvolvimento do capítulo escatológico e o seguinte iniciar-se-á com a narração da Paixão.

A cena da nossa passagem de hoje é uma espécie de imagem final. É a última imagem que Jesus nos deixa do seu ensinamento e é por isso particularmente importante.

Mas há, na realidade, duas imagens que se enquadram em dois planos justapostos.

A primeira (Mc. 12,38-40) é, por assim dizer “ocupada” por personagens que têm necessidade de espaço. Os seus comportamentos estão largamente auto-referenciados: tudo neles parece querer atrair admiração e elogios. É por esta razão que aspiram a uma grande visibilidade.

A segunda imagem deixa ver uma outra personagem: uma pobre viúva. Ela não ocupa nenhum lugar e ninguém a vê a não ser Jesus (Mc. 12,41-44).

Em que diferem o primeiro grupo de pessoas e a segunda?

A chave para a leitura poderia vir do lugar em que se desenrola a cena: o templo. Este é, com efeito, o lugar por excelência em que se pode encontrar Deus; o lugar para onde o homem sobe para ver Deus.

E parece justamente que os escribas, presentes neste lugar, não vêem ninguém. Estão demasiados ocupados a quererem ser vistos. Tudo o que fazem, inclusivamente as obras religiosas, não os projectam para fora deles mesmos. No Evangelho de São Marcos, são a imagem por excelência da anti-disciplina.

Ao contrário, a viúva vê e vê uma única coisa. O seu olhar pousado em Deus é tão real, tão concreto que ela lhe confia tudo o que tem, toda a sua vida.

Ela fá-lo com um gesto tão forte que parece absurdo e que este absurdo parece ter dois motivos.

Porque dar tudo e ficar, assim, sem nada para viver. Poderá Deus pedir isto? E porquê fazê-lo no templo e para o templo quando, dois versículos adiante, Jesus dirá que deste templo não ficará pedra sobre pedra (Mc 13,2)?

Assim esta mulher, já pobre, se der tudo o que lhe resta não ficará ainda mais pobre? Na realidade não é esse o caso. Dando tudo, essa mulher torna-se rica. Porque quando alguém ama e dá tudo por outro, no próprio momento da dádiva, não se sente mais pobre. Sente-se enriquecido nesta relação em que põe tudo. Ele reconhece-se completamente na dádiva que fez. O que nós damos é o que verdadeiramente nos torna ricos.

E esta lógica é algo que nunca acaba, que nunca passa. O templo passa, com efeito será destruído. Mas a relação em que esta mulher pôs todo o seu amor continua. É uma relação verdadeira pois não há relação verdadeira se toda a nossa vida não for posta em jogo. E isso esta mulher compreendeu-o.

Os escribas, na sua relação com Deus, só põem em jogo as aparências, enquanto a mulher põe em jogo toda a substância.

É somente a lógica evangélica, pela qual só aquele que perder a sua vida a reencontra em toda a plenitude.

É uma lógica que o Evangelho de Marcos, nos vai dando a conhecer mergulhando-nos nela. E, a poucos instantes da Paixão, Jesus vê esta lógica incarnada numa mulher viúva e pobre.

A sua presença marca o início de um momento importante. Ela convida Jesus a entrar com confiança no mistério da morte, pois tudo o que ele perder por amor será retomado na plenitude.

É exactamente o oposto da lógica dos escribas. Aquele que colocar o seu ganho no desejo de ser admirado acabará como o templo: desolação, inutilidade e, por fim, sem vida.

Mas surge então uma última pergunta: que viu a mulher para ter este gesto?

Parece-me possível dizer que esta mulher viu o essencial de Deus. Mais precisamente, ela percebeu, sem dúvida, que Deus é dádiva de si mesmo até ao fim. É uma dádiva de si infinita, gratuita sem cálculo algum. Assim a única forma de o reencontrar é entregar-se a Ele. É esta a única troca admitida no templo, a única pela qual a existência do templo tem sentido. E este sentido último cumprir-se-á no novo templo, ou seja, no corpo do Senhor oferecido por todos.

Há também um jogo de olhares no Evangelho de hoje, Jesus convidamos a que nos resguardemos (Mc. 12,38) daqueles que procuram o nosso olhar e a olharmos (Mc. 12,41,43) para aqueles que nada mais procuram senão o olhar de Deus. Estes são os verdadeiros mestres que nos ensinam o caminho da vida.

E para tal precisamos de ter um olhar novo e curado, como o de Bartimeu (Mc. 46,52). Sem esta cura, o nosso olhar, doente de egoísmo, arrisca-se a nada ver e a não compreender as lógicas do amor. Ele arrisca-se, na realidade, a julgar estas lógicas absurdas segundo critérios puramente humanos.

+Pierbattista